

**POR UMA ARQUEOLOGIA GEOGRÁFICA OU GEOGRAFIA ARQUEOLÓGICA DAS TERRAS  
ALTAS MINEIRAS – REFLEXÕES SOBRE O USO DO CONCEITO CULTURALISTA DE  
PAISAGEM NO ALTO VALE DO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS**

**Marcelo Fagundes**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem  
Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território - USP  
[marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br](mailto:marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br)

**Wellington Santos Greco**

Universidade de São Paulo – USP  
Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem  
[greco@yahoo.com.br](mailto:greco@yahoo.com.br)

**Juan Carlos Izaguirre Poma**

Universidad Mayor de San Marcos – UNMSM  
[jcizaguirrepoma@gmail.com](mailto:jcizaguirrepoma@gmail.com)

**Paulo Andrade Campos**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem  
[campos.paulo@ufvjm.edu.br](mailto:campos.paulo@ufvjm.edu.br)

**Thamara Ferreira Fonseca**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem  
[thamara.fonseca@ufvjm.edu.br](mailto:thamara.fonseca@ufvjm.edu.br)

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão e apresentar uma síntese acerca de como o conceito geográfico culturalista de paisagem tem sido empregado nas pesquisas arqueológicas que estão sendo levadas a cabo em Serra Negra, face nordeste da Serra do Espinhaço Meridional, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. Para tanto, o conceito de paisagem tem sido utilizado como meio para relacionar as pesquisas, sendo considerado fundamental para a compreensão das dinâmicas, organização espaço-tempo e tecnológica, e trajetórias históricas (vivências) de grupos que ocuparam a região por milênios. Neste caso, a paisagem é parte da vida humana, em que ela só existe por meio de nosso julgamento, apreciação, compreensão, etc., ou seja, é uma construção humana, não existindo apenas na materialidade, se constituindo em camadas de práticas socioculturais, narrativas e existências (ancestrais e atuais). As ocupações se estabelecem, se apropriam e reinterpretam as anteriores e, portanto, contemporâneas. Entendemos que paisagem e humanos são vetores de inter-relações, negociações e reciprocidades. Não existe paisagem sem humanos, não existe humanidade sem paisagem.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Geografia. Paisagem. Serra Negra. Vale do Araçuaí.

**FOR A GEOGRAPHIC ARCHEOLOGY OR ARCHAEOLOGICAL GEOGRAPHY  
OF THE HIGHLANDS OF THE STATE MINAS GERAIS – REFLECTIONS ON  
THE USE OF THE CULTURAL CONCEPT OF LANDSCAPE IN THE ARAÇUAÍ  
HIGH VALLEY**

**ABSTRACT**

This article aims to synthesize and present an acute reflect on how culturalist geographical concept of landscape has been applied to the archaeological research developed in Serra Negra area, northeastern side of Southern Espinhaço Range, Araçuaí High Valley, state of Minas Gerais, Brazil. To this end, the geographic concept of landscape comprises a mean to relate research and has been considered fundamental for the understand the dynamics, space-time and technological organization, and historical trajectories (lifestyle) of groups that occupied the region for millennia. In this case, the landscape is part of human life, which only

exists based on our judgment, appreciation, understanding, etc., that is, it is a human construction, not only existing in materiality, but constituting layers of sociocultural practices, narratives and existences (ancestral and current). Occupations are established, appropriated and reinterpreted previous ones and, therefore, contemporary ones. We understand that landscape and humans are vectors of interrelationships, negotiations, and reciprocities. There is no landscape without humans, there is no humanity without landscape.

**Keywords:** Archaeology. Geography. Landscape. Serra Negra. Araçuaí Valley.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão e apresentar uma síntese acerca de como o conceito geográfico culturalista de paisagem tem sido utilizado nas pesquisas arqueológicas desenvolvidas em Serra Negra, face leste do Espinhaço Meridional, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. Indo mais além, nossa pretensão é estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a Geografia e a Arqueologia. No entanto, para que esse intercâmbio ocorra, é necessário compreender as potencialidades do saber geográfico com suas teorias e métodos próprios de interpretação das relações estabelecidas entre a humanidade e o seu entorno.

Há muito que a Geografia e a Arqueologia têm realizado interpretações sobre as trajetórias históricas, modo de vida e cultura das sociedades pelo mundo, seja por meio de uma visão diacrônica, em que o passado é visto a partir do presente; seja na contemporaneidade, onde se encontra o fenômeno estudado, isto é, um olhar sincrônico para a vida. Entretanto, temos que levar em conta que ambas são ciências espaciais, em que os territórios não podem ser entendidos como simples cenários, mas sim como entes ativos onde as ações da vida acontecem (FAGUNDES e ARCURI, 2023).

Por mais que a Arqueologia tenha nas diferentes culturas materiais (e seus contextos) o seu foco de estudo, essa materialidade não pode ser vista isolada de como as pessoas entendem (ou entendiam) suas vivências em diferentes territórios ao longo do tempo (HAMILAKIS, 2011). Cada vez mais tem se preocupado como humanos (e outros seres, não-humanos) se estabeleceram em ambientes diversos e, mais do que isso, interpretaram essas existências e constituíram a paisagem, dando um caráter cada vez mais fluido para essa compreensão. Há uma preocupação em inferir, portanto, como as paisagens (em suas temporalidades) podem fornecer subsídios válidos para essa interpretação acerca do comportamento de seus ocupantes (presentes e passados), indo além da fisiografia, identificação e caracterização ou gestão de sítios arqueológicos, mas, sobretudo mediante aos símbolos de longa duração que carregam e influenciam uma nova ocupação em diferentes temporalidades (COSGROVE, 1984, 1985; INGOLD, 1993, 2015; DUCAN, 1995; GRECO, 2019; ACEVEDO et al., 2019; FAGUNDES et al., 2021).

Justamente por isso estamos denominando de uma Arqueologia Geográfica ou uma Geografia Arqueológica em que se faz importante a caracterização geoambiental de um território, seja sua fisiografia, clima ou fitofisionomia (atual ou do passado); mas há um peso substancial em como se deu as relações de humanos e seus ambientes em longa duração, o que justifica o uso do conceito culturalista de paisagem. A paisagem contemporânea (onde as crises climáticas parecem ser o grande desafio enfrentado pela humanidade no Antropoceno) é efeito de escolhas que foram realizadas pela ancestralidade, permitindo uma leitura de várias existências (GILARDENGHI, 2021). Diferente das abordagens geográficas (e não se trata de uma crítica, mas da interdisciplinaridade que temos defendido) envolvem mutualidades, reciprocidades e negociações entre humanos, outros entes, coisas e a própria paisagem. Isto é, há diferentes formas, individuais e coletivas, de descrever o que é visto (COSGROVE, 1984, 1993, 2012; FAGUNDES e ARCURI, 2023).

Como salientado por Martins ao refletir acerca do pensamento geográfico (2016, p. 64): "(...) é algo que se estabelece a partir da relação sociedade/natureza. Ou seja, tanto no sujeito como no objeto a relação entre sociedade e natureza se traduz numa ordem espaço-temporal dos elementos que resultam da relação". Ou por Kaercher (1996, p. 109): "(...) Fica claro que a relação sociedade-natureza é indissociável/ eterna (logo não há por que falar em Geografia física se contrapondo a Geografia

humana). A prioridade será dada em entender como e porque os seres humanos modificam os espaços em que habitam conforme as relações sociais que estabelecem entre si”.

A Geografia é uma ciência espacial e das articulações com pessoas e suas existências, em que importa uma série de atributos que se estabelecem humanos e relações com seus ambientes: das formas da Terra e como se constituíram em bilhões de anos; das relações e transformações espaciais que humanos imprimem ao espaço e a si próprios; dos aspectos bióticos e abióticos; dos ecossistemas, suas transformações e novas estratégias para suas preservações; das relações e impactos da economia sobre pessoas, comunidades ou nações, e, não menos importante, as transformações do clima que tem ocorrido em todo mundo contemporâneo (GILARDENCHI, 2021; NETO, 2021). Enfim, de todos os aspectos que envolvem a sociedade e a natureza, visto que:

(...) a sociedade, ao se apropriar da natureza, imprime sobre esta objetividade uma ordem que é expressa pelos princípios geográficos. E a natureza apropriada converte-se em *meio geográfico*, a partir daí, a relação passa a ser sociedade/meio geográfico. Na verdade, o processo de subjetivação/objetivação na construção do meio geográfico se realiza mediante os princípios geográficos enquanto dimensão do existir, tanto do sujeito quanto do objeto, consubstanciando um processo de totalização. Eis o geográfico, como expressão da existência da totalidade. E entre a geografia do homem e a do meio se constroem as mútuas determinações geográficas na relação objetivação/subjetivação (MARTINS, 2016, p. 65).

Deste modo, os campos de análise e interpretação da Geografia são essenciais para nossas inquietações arqueológicas. Entretanto, para a Arqueologia a compreensão do modo de vida e comportamento humano se dá por meio da materialidade que produziram e que estão em nossa contemporaneidade, permitindo exames e interpretações de como, a partir delas, discutimos as relações que dada sociedade mantém entre si e com outros agentes, assim como as relações do espaço-tempo e, entre outras tantas categorias, a paisagem (FAGUNDES, 2021; FAGUNDES e ARCURI, 2003).

A interdisciplinaridade nesse texto é, portanto, uma prática científica, além de uma práxis metodológica em que alicerçam diálogos e operacionalizam ideias (LEIS, 2005). Foi a partir dessa ação dialética e reflexiva, e não apenas uma transliteração que atenda os interesses exclusivos do nosso problema de investigação, que buscamos pensar a paisagem em Serra Negra, nas terras altas mineiras.

É importante frisar que em Arqueologia, como em qualquer ciência, o conceito de paisagem tem sido utilizado de forma polissêmica, ou seja, há vários entendimentos do que é e como deve ser utilizado: desde seu uso ser um método de investigação, análise e gestão do patrimônio arqueológico (CRIADO BOADO, 1991, 1999); ou repleto de simbolismos e subjetividades, sendo abordado como um ente ativo das relações espaço-tempo (INGOLD, 1993; ZVELEBIL, 1997; KNAPP, 1999; ACUTO, 2013; BAILÃO, 2016).

Graeber (2019), por exemplo, tem discutido os preceitos da virada ontológica e da mudança proposta entre epistemologia, que envolveria teorias do conhecimento, no caso representado pela ciência ocidentalizada, e a ontologia, que consideraria as formas de saber das pessoas, nesse caso assumindo papéis de protagonismo na construção das narrativas. Essa seria a forma com a qual esse texto se identifica.

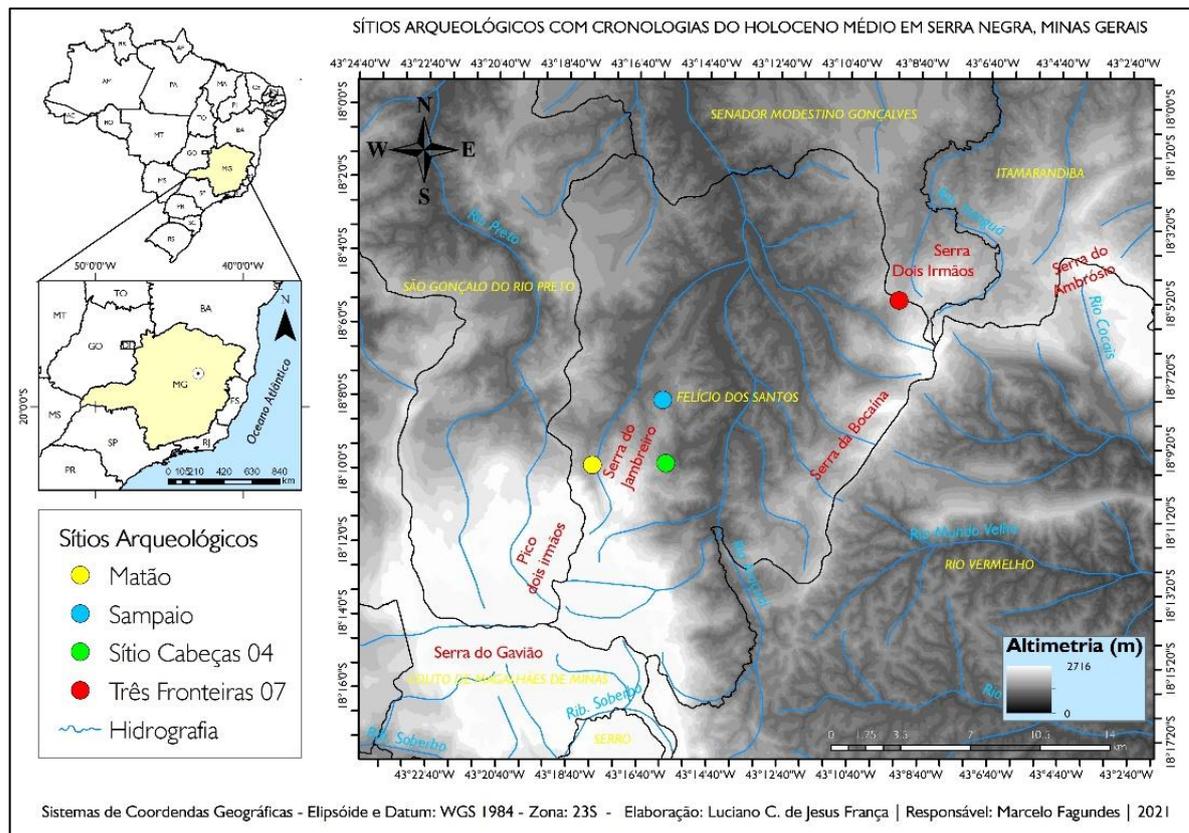
Em síntese, investigações arqueológicas têm utilizado o conceito de maneira indistinta, em que nem sempre é usada como um conceito-chave da Geografia, ao contrário, tem sido empregado como sinônimo de ambiente ou de outros conceitos tão importantes como, a exemplo de espaço, lugar, região e território (ROCHA, 2008).

Usando as definições de Ingold (1993), a paisagem não seria algo estático, mas estaria em constante transformação provocada por distintos agentes humanos e não humanos, tal como a chuva, o calor, o frio, entre outros (BAILÃO, 2016). Dessa forma, temos que a vida social dos grupos humanos não seria isolada, mas sim entrelaçada por sentidos que só podem ser entendidos a partir de suas inter-relações



Atualmente, as investigações têm focado nas cabeceiras do rio Araçuai, uma área com particularidades geoambientais em relação às demais na Serra do Espinhaço Meridional (doravante SdEM) e onde os sítios arqueológicos mais antigos da região têm sido evidenciados (abrigos datados do Holoceno Médio, entre 8,3 e 4,2 mil anos AP<sup>1</sup>, sem hiatos para esse período) (Fig. 2; Quadros 1 e 2).<sup>2</sup>

Figura 2 - Sítios Arqueológicos com Cronologias Antigas em Serra Negra, Minas Gerais.



Fonte - IBGE: 2010. Elaboração: França, 2021.

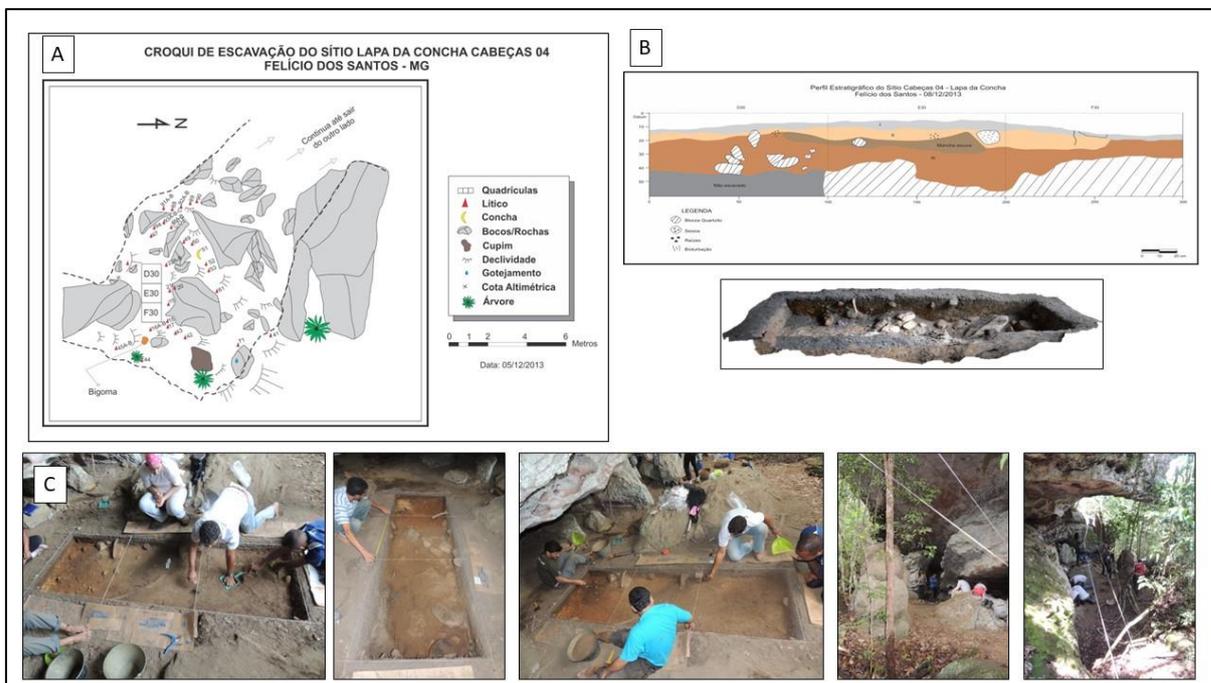
O território de Serra Negra, como dito, é formado por sítios de ocupação indígena a partir de 7 mil anos AP, tendo ocupações durante o Holoceno Médio (Cabeças 4, Três Fronteiras 7 e Sampaio) e Superior (Matão 01; Itanguá 2; Cabeças 02, 03 e 04), devidamente datadas (ver quadros 1 e 2). Todos são sítios em abrigo com presença marcante da arte rupestre, associada ao que Prous (2019) definiu como Tradição Planalto. Apresentam, também, um rico conjunto lítico (tanto as ocupações mais antigas quanto as mais recentes) onde o quartzo anédrico figura como matéria-prima dominante, mas há também ferramentas em quartzito, silixito e arenito. A cerâmica ocorre nos níveis mais recentes no sítio Três Fronteira 14 (não escavado) e no sítio Cabeças 4, onde a camada foi datada entre 531 e 451 anos AP. (480 ± 30 anos AP. BETA 379291). (FAGUNDES, 2021). (Fig. 3).

Assim, alguns pontos se fazem pertinentes para nossas pesquisas: i) análise do ambiente atual (geologia, geomorfologia, hidrografia e fitofisionomia) e paleoambiente, sobretudo durante o Holoceno Médio; (ii) escavações e os dados arqueométricos (datações, análise tecnológica do material exumado, análise sedimentar, etc.); (iii) etnografia arqueológica, que tem como objetivo compreender as múltiplas temporalidades do registro arqueológico e da paisagem (HAMILAKIS, 2011),

<sup>1</sup> International Chronostratigraphic Chart (2020). <https://stratigraphy.org/ICSChart/ChronostratChart2020-03.pdf>

<sup>2</sup> Ver discussão sobre os sítios de caçadores-coletores em abrigos no Planalto Central Brasileiro realizada por Bueno e Isnardis (2018).

Figura 3 - Sítio Arqueológico Cabeças 4: (A) Croqui esquemático da escavação; (b) Perfil estratigráfico; (C) Escavação.



Fonte - Autores, 2013.

Quadro 01 - Serra Negra, MG: Datações por <sup>14</sup>C dos sítios arqueológicos

SÍTIO	LAB	MÉTODO	IDADE (BP)	IDADE CALIBRADA (cal yrs BP) SHCal120	PROBABILIDADE MÉDIA (cal yrs BP)	PROBABILIDADE (2sigma)
Cabeças 4	BETA 379291	LSC	480 ± 30	531-451	501	0,976
	BETA 379289	AMS	3980 ± 30	4449-4287	4388	0,783
	BETA 370291	LSC	4010 ± 40	4532-4290	4441	0,967
	BETA 370289	LSC	5270 ± 40	6035-5912	5996	0,637
	BETA 379290	LSC	6140 ± 40	7086-6854	6978	0,805
	BETA 379290	LSC	6280 ± 30	7259-7154	7169	0,599
Cabeças 1	BETA 379288	AMS	150 ± 30	146-0	101	0,761
	BETA 379292		1960 ± 30	1930-1812	1864	0,875
Cabeças 3	BETA 400565	AMS	920 ± 30	817-724	776	0,817
Matão 1	BETA 506713	AMS	980 ± 30	923-790	853	0,971
	BETA 506716	AMS	1270 ± 30	1179-1065	1132	0,82
	BETA 506715		1240 ± 30	1178-1054	1112	0,924
	BETA 506714		2460 ± 30	2540-2350	2466	0,72
	UG 10586	AMS	220 ± 20	221-143	194	0,811
Itanguá 2	CEN 1181	LSC	660 ± 85	683-502	603	0,977
	CEN 1172		680 ± 110	773-490	613	0,993
	CEN 1173		630 ± 30	647-589	605	0,639
	BETA 310324	AMS	270 ± 20	316-277	289	0,685
Sampaio	BETA 471280	LSC	4280 ± 30	4870-4797	4823	0,581
Três	BETA 471281	LSC	4100 ± 30	4648-4422	4553	0,862

SÍTIO	LAB	MÉTODO	IDADE (BP)	IDADE CALIBRADA (cal yrs BP) SHCali20	PROBABILIDADE MÉDIA (cal yrs BP)	PROBABILIDADE (2sigma)
Fronteiras 7	CENA USP	14C	3200 ± 70	3315-3.571	---	---
	CENA USP	14C	2940 ± 70	2919-3260	---	---

Fonte - Autores, 2020. Calibração: Utida, 2021.

Quadro 02 - Serra Negra, MG: Datações por LOE dos sítios arqueológicos

SÍTIO	LABORATÓRIO	MÉTODO	CRONOLOGIA (BP)
Três Fronteiras 7	DAT 5480	LOE/ SARS 15	6525 ± 690
Três Fronteiras 7	DAT 5480	LOE/ SARS 15	6165 ± 515
Matão 01	DAT 5479	LOE/ SARS 15	3375 ± 825
Matão 01	LOE 5140	LOE/ SARS 15	3300 ± 520
Matão 01	DAT 5479	LOE/ SARS 15	2315 ± 305
Matão 01	DAT 5479	LOE/ SARS 15	1930 ± 385
Matão 01	DAT 5479	LOE/ SARS 15	1.275 ± 310
Matão 01	DAT 5479	LOE/ SARS 15	1095 ± 210
Matão 01	LOE 5105	LOE/ SARS 06	550 ± 50
Matão 01	LOE 5105	LOE/ SARS 06	400 ± 50

Fonte - Autores, 2020.

Das inter-relações observadas por meio do registro arqueológico, temos buscado entender como essas especificidades puderam/podem ou não ter cooperado para o estabelecimento de moradas, experiências e vivências ao longo de milênios, para além de visões utilitarista-funcionalistas em que humanos se estabelecem para a sobrevivência, mas como a fisiografia desse lugar consentiu a produção e reprodução da vida material e do universo simbólico (COSGROVE, 2012), visto que entendemos esse estabelecimento (MAUSS, 2003) como uma forma de ser e estar no mundo (INGOLD, 2015) e, portanto, moradas não são estabelecidas exclusivamente por questões relativas à vida econômica. Viver em sociedade envolve escolhas para além de comida e proteção.

De acordo com Saadi (1995), ao discutir a geomorfologia da SdEM, essa se constitui como o grande divisor de águas das bacias hidrográficas da face centro-leste do Brasil, podendo ser entendida como “(...) um conjunto de terras altas, com forma de bumerangue de direção geral norte-sul e convexidade orientada para oeste” (SAADI, 1995, p.41). (Fig. 4).

Figura 4 - Perfil morfológico da SdEM adaptado de Saadi (1995), com destaque para a área de intervenção das pesquisas arqueológicas.



Fonte - SAADI, 1995, p. 45.

Aqui cabe uma longa citação de Bernardo Gontijo ao descrever a região foco das pesquisas arqueológicas:

Foi Eschwege que, em 1822, primeiro revelou a grandeza escalar e significância ecológica dessa grande cadeia montanhosa que se configurava enquanto uma grande espinha dorsal da hinterlândia brasileira (Rückenknöchengebirge). Espinha dorsal quartzítica que se estenderia de norte a sul, da Bahia até o sul brasileiro. Os geólogos, a partir de então, na medida em que iam escarafunchando seus segredos químicos, físicos, geomorfológicos e paleo-históricos, foram circunscrevendo-a cada vez mais, até chegarmos à configuração atual, aceita pelos pesquisadores de geociências que a ela se dedicaram no sentido de detalhar seus segredos e revelar suas origens. Neste sentido, o conjunto montanhoso que recebe o nome de Espinhaço corresponderia àquelas formações cuja litologia predominante é a dos quartzitos e filitos do Super-Grupo Espinhaço, dobrados a partir de movimentos tectônicos ocorridos há mais de dois bilhões de anos atrás, que soergueram as massas de terra que hoje correspondem a grande parte das terras altas de Minas Gerais e da Bahia (GONTIJO, 2021, p.90).

Assim sendo, em termos geológicos, essa região encontra-se inserida no contexto do Orógeno Araçuaí, um dos mais importantes componentes geotectônicos do sudeste brasileiro. A história do Orógeno Araçuaí está associada a uma série de montanhas que se formaram nessa área devido a várias colisões continentais que, no fim do Neoproterozoico, deram origem ao supercontinente Gondwana (ALKMIM et al., 2017). Logo, como dito, o território que temos denominado de Serra Negra está na borda leste da SdEM, tendo sua morfologia caracterizada pela alternância espacial entre os afloramentos rochosos e as formações superficiais, processos influenciados pelas diferenças litotectônicas da região. Esta característica fez com que surgissem vários contrafortes, responsáveis pela origem de duas bacias hidrográficas brasileiras: Jequitinhonha (oeste) e Doce (leste). Portanto, Serra Negra é marcada pela presença de dois biomas: Cerrado (oeste) e da Mata Atlântica (leste), configurando um status de ecótono para toda região.

Portanto, temos sempre salientado que a existência destas serras (Gavião, Bocaina e Ambrósio, para citar algumas), a propriedade de ecótono, o clima ameno (tropical de altitude, Cwb, segundo a classificação de Köppen-Geiger) e muita água disponível, ambos são um ponto-chave para a compreensão do passado de ocupação humana deste território.

As rochas observáveis hoje em grande parte dos territórios dos estados de MG, ES e BA são as raízes expostas dessa grande cadeia de montanhas, que sofreram por milênios um intenso processo erosivo. Noce et al. (2007) indicam que no interior do Orógeno Araçuaí são encontrados alguns blocos de embasamento remobilizados durante o processo colisional, como é o caso do Bloco Guanhões, ao noroeste da área estudada, onde ocorrem rochas arqueanas e paleoproterozóicas metamagmáticas, como os ortognaisses do Complexo Guanhões, e rochas metassedimentares, como os quartzitos e paragnaisses da Formação Serra Negra, essa última de entendimento bem importante para a Arqueologia, sobretudo porque os abrigos de grande parte dos sítios arqueológicos são parte dessa Formação, a exemplo de Três Fronteiras e Campo das Flores.

Acerca da geomorfologia, é possível observar em Serra Negra quatro principais domínios (KNEGT, 2015):

- Serras sustentadas pelos quartzitos, estes muito resistentes ao intemperismo, muitas vezes com topos com cristas quartzíticas expostas e com os picos mais altos da região e, como será discutido, representam marcos referenciais das vivências e experiências regionais;
- As rampas de colúvio relativas à alteração dos quartzitos, caracterizadas pelos sedimentos arenosos dispostos ao longo das vertentes dessas serras, formando superfícies mais extensas e suavizadas revestidas por vegetação campestre, além de rampas de colúvio curtas e com maiores inclinações, entremeadas por afloramentos rochosos;
- Topos aplainados, sem a presença de afloramentos, associados às áreas com presença de mantos de intemperismo mais desenvolvidos e argilosos, oriundos de outras litologias, como os xistos que desenvolvem relevos com vertentes mais suaves, não ocorrendo abrigos;
- As estreitas faixas dos canais fluviais.

De acordo com as descrições Gontijo (2021) sobre Serra Negra, se pode entender a área arqueológica em dois compartimentos que, ao que tudo indica, têm grande influência na diversidade de sítios, formas de ocupá-los, além do repertório gráfico observado na arte rupestre (GRECO, 2019). O primeiro, a oeste, marcado pela presença da Chapada do Couto (ou Serra do Gavião), com área que ocupa importantes abrigos com ocupações indígenas, e que em termos geológicos é parte da SdEM; e a leste a presença do arco montanhoso constituído pelas Serras da Bocaina e Ambrósio, região com presença de grandes marcos regionais, a exemplo da Pedra Menina, Pico Dois Irmãos e a própria Serra da Bocaina (ou Miranda). Na letra de Gontijo:

Se olharmos mais atentamente à AASN (Área Arqueológica de Serra Negra), identificaremos que sua porção ocidental, qual seja, a da Serra do Gavião, é efetivamente parte do conjunto, geologicamente definido, da Serra do Espinhaço. Já a porção mais a leste, o arco montanhoso definido pelas Serras da Bocaina, Miranda e do Ambrósio, possui litologia diferente daquela do conjunto do Espinhaço. São rochas do Grupo Guanhões da Formação Serra Negra, geomorfologicamente mais relacionadas aos vizinhos mares de morros da faixa atlântica do sudeste brasileiro. Estamos numa área de contato, que marca o limite biômico da Mata Atlântica, uma vez que tais elevações barram a penetração das eventuais massas úmidas originárias do Atlântico sul (...) Toda a AASN está abrigada num grande ecótono, como, de resto, o próprio Espinhaço pode ser considerado. São elementos de Mata Atlântica (Floresta Estacional Semidecidual) que se interpenetram com elementos de Campos Rupestres de Altitude e de Cerrado, configurando-se num mosaico de ecossistemas que irão variar conforme o patamar altimétrico, a feição geomorfológica (declividade e orientação), a drenagem (cabeceiras, nascentes, quedas d'água, terraços), o tipo de solo (desde aqueles já estruturados até aqueles essencialmente litólicos), os quais possibilitarão uma biodiversidade única, riquíssima em endemismos (GONTIJO, 2021, p.91).

Em Serra Negra os solos podem ser caracterizados como diferenciados a outras regiões do entorno, sobretudo quando comparados a outras áreas da SdEM, em especial o Planalto Diamantinense. De acordo com Vasconcelos (2014), os solos são muito influenciados pelos materiais de origem. Para a SdEM, há quase uma associação com solos jovens e rasos, sobretudo os Neossolos Quartzarênicos. Contudo, onde temos estudado há outra realidade, uma vez que conta com uma variedade de outras classes que vão desde aquelas mais jovens, até mesmo os solos mais evoluídos como os Latossolos, sobretudo em locais com intrusões de rochas metabásicas, além da presença de Neossolos Flúvicos em áreas aluviais (VASCONCELOS, 2014).

Essa variedade de classes de solo possibilitou o desenvolvimento de uma agricultura familiar, sobretudo a partir do século XVIII, sendo a principal fonte de renda de muitas comunidades até o presente. Arqueologicamente, no sítio Cabeças 04 e no Três Fronteiras 14 foram evidenciados poucos fragmentos de cerâmica (sempre fina e de queima reduzida), apesar que dos sítios escavados há indícios desta prática, como sementes ou fitólitos (Matão 01, Itanguá 02 ou Cabeças 02, 03 e 04). Além disso, temos que ter em mente que os abrigos escavados não eram os sítios residenciais (pelo menos para o Holoceno Superior), sendo local para a execução de outras atividades relacionadas à caça ou coleta. Ainda não foram localizados os sítios residenciais, os denominados sítios a céu aberto, entretanto, várias pessoas das comunidades alegam ter encontrado fortuitamente lâminas polidas ou fragmentos de cerâmica (comunicação pessoal).

Por exemplo, Chueng et al. (2020) identificam fitólitos no sítio Cabeças 04 que podem ser de milho selvagem. A mesma equipe tem resultados promissores sobre o sítio Matão 01 (ainda não publicados). De qualquer forma, mesmo não tendo uma comprovação empírica, partimos da hipótese que houve uma agricultura incipiente, que complementaria a fonte de recursos para essas populações antes da conquista europeia.

Por se tratar de terras altas, o fator orográfico é um grande influenciador do clima regional, caracterizado como mesotérmico (Cwb na classificação de Geiger-Köppen), em que predominam verões quentes-chuvosos e invernos frescos e secos. Somam-se a esses fatores a característica desse território estar localizando em uma região de ecótono, com fitofisionomias do Bioma do Cerrado e da Mata Atlântica, além do fato do alto endemismo, outro atributo importante para a caracterização geoambiental regional (KNEGT, 2015).

Enfim, qual o objetivo desse entendimento geoambiental (ou fisiográfico) para a Arqueologia que propomos para Serra Negra? E, talvez o principal, como o conceito geográfico culturalista cimenta nossa compreensão entre fisiografia, vivências e experiências?

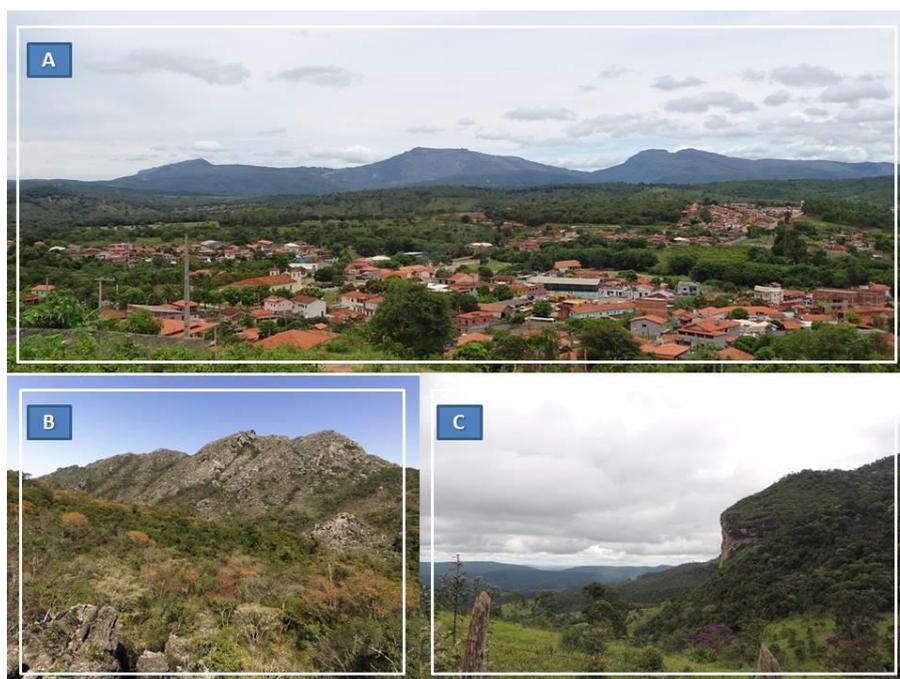
Entre todas essas suas características fisiográficas, ganha destaque o papel das serras (dos contrafortes) na constituição da paisagem regional. É por meio dessa configuração geomorfológica – que mescla a presença de contrafortes quartzíticos e mares de morro do tipo meia laranja –, que temos entendido as relações que estabeleceram e ainda estabelecem as vivências, experiências e existências entre humanos, ambiente, as coisas e outros entes.

As serras que estabelecem os limites biômicos do Cerrado e Mata Atlântica (GONTIJO, 2021); que marcam e determinam caminhos para realização de atividades sociais e diferenças comunitárias; onde estão os abrigos ocupados em longa duração, são os signos mais característicos regionalmente, vistos, percebidos, vivenciados e reinventados pelas diferentes comunidades que se estabelecem e estabeleceram nesse território, presentes nas trajetórias históricas de vários povos ao longo das distintas ocupações que ocorrem pelo menos a 7 mil anos AP. (GRECO et al., 2021).

Frente às várias toponímias que as serras têm recebido – inclusive muitas mudam de nome conforme a visada e a comunidade em que são vistas –, elas são um distintivo cultural regional, fazem parte do cotidiano e das narrativas que vêm sendo construídas pelas pessoas (das vivências contemporâneas e passadas), justificam casos, indicam caminhos e movimentos entre lugares (para festividades, para o luto, para o trabalho ou para o lazer), mas, sobretudo, são entendidas como lugares de orientação geográfica, histórica e identitária. São muitas, e cabe ao olhar sensível de seus habitantes que são distinguidas para além das formas, mas como parte de histórias que se entrelaçam para tecer a vida, em uma trama em que serras, pessoas, entes e outros tantos agentes se interconectam e se interrelacionam estabelecendo Lugaridades (PÁDUA, 2013).

Em Serra Negra as serras, e cabe nomear algumas – do Gavião (ou Chapada do Couto), Menina, Bocaina (ou Miranda), Jambreiro, Dois Irmãos, Ambrósio, Pico Dois Irmãos, entre outras –, são referências socioculturais e de identidade, da memória, de histórias intermináveis das vivências (GRECO et al., 2021), (Figs. 5 e 6).

Figura 5 - Serras regionais. (A) Serra da Bocaina, município de Felício dos Santos, MG; (B) Serra do Matão, Felício dos Santos MG, destaque para floresta semidecidual do entorno; (C) Serra da Pedra Menina, divisa dos municípios de Felício dos Santos, Itamarandiba e Rio Vermelho, MG. 2018.



Fonte - (A) Bispo Jr., 2018. (B,C) Autores, 2018.

Do mesmo modo, as fitofisionomias particulares em Serra Negra também são responsáveis pelos ritmos e movimentos presentes nessa paisagem (INGOLD, 1993). Podemos citar como exemplo: os campos rupestres, tão importantes para a vida de comunidades atuais (e passadas), sobretudo para a coleta das sempre-vivas, atividade que concede renda e tem motivado histórias sobre o viver entre serras, reavivou caminhos (e lapas) milenarmente utilizados por humanos em um passado que se distancia mais de 7 mil anos no tempo; ou as matas e todas as narrativas sobre caças, experiências ou seres fantásticos; da sacralidade do lugar às permissões que são dadas aos caçadores ou caminhantes. Muitas recebem nomes de pessoas, relacionando não apenas à história de indivíduos, mas de comunidades, e de tantas ações e ancestralidades que carregam. Humanos, mata e ações se confundem em um único ente. Entre elas estão: do Isidoro, do Farias, do Matão, do Elias, dos Ausentes (hoje uma estação ecológica) (GRECO et al., 2021).

Ou como ressaltado por Gontijo (2021):

A ecologia do Espinhaço permite-nos que avancemos para além de sua, inegável e importante, base geológica. Ela permite-nos imaginar a própria possibilidade de ocupação humana e inferir, portanto, em como essa vem se dando desde que os primeiros agrupamentos humanos aqui chegaram, fossem subindo os rios pelo Mato Dentro, fossem atraídos pelas magníficas visões da serra tal como pode ainda ser observado hoje desde as fronteiras do Cerrado (GONTIJO, 2021, p.92).

Figura 6 - Serras regionais. (A) Serra da Bocaina; (B) Pico dois Irmãos (1) e Pedra Menina (2), divisa entre os municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba; (C) Serra da Ambrósio em sua fase oeste, vertente do rio Doce, divisa dos municípios de Itamarandiba e Rio Vermelho, MG. 2019.



Fonte - Autores, 2019.

No que tange às características paleoambientais, sabemos que entre o Holoceno Médio e o presente ocorreram mudanças (CHUENG et al., 2018). Pesquisas em turfeiras da SdEM (o que inclui Serra Negra) têm indicado mudanças sutis ao longo desses períodos.

No que importa à Arqueologia, as pesquisas com fitólitos e palinologia destas áreas têm indicado a presença de um clima estável, quente e úmido, com a característica que, pelo menos na Serra do

Jambreiro, região onde estão implantados quase todos os sítios arqueológicos com datações antigas, os campos rupestres eram dominantes, diferente do que temos hoje, sendo predominante a presença de Floresta Estacional Semidecidual (BISPO et al., 2015; CHUENG et al., 2018, 2020; SILVA et al., 2020; MACHADO et al., 2021). Tal dado é muito importante para a Arqueologia regional, já que Serra Negra tem sido uma das poucas áreas com datações para esse período do Planalto Central brasileiro (BUENO; ISNARDIS, 2018).

Em síntese, Serra Negra é marcada pela presença de muitas serras que dizem acerca das referências e inter-relações entre pessoas-entes-coisas-ambiente; bem irrigada, com cursos d'água que correm tanto para bacia do Jequitinhonha como do Doce, sendo muitas turfeiras responsáveis por esses fluxos d'água (SILVA et al., 2020). No que diz respeito às fitofisionomias, apresenta tanto aquelas típicas do bioma do Cerrado (com destaque aos campos rupestre e *stricto sensu*) e manchas florestadas, principalmente nos sopés dessas. Portanto, Serra Negra está em constante transformação (tanto em seus aspectos materiais quanto simbólicos), em que a fisiografia constitui vivências e essas ressignificam essa fisiografia que é feita paisagem.

Nesse processo, que entendemos como trajetórias históricas, há o emprego de uma força diferente daquela da natureza, mas que sente, redireciona e transforma a paisagem a cada tempo: a humana. Há especificidades na paisagem (histórica, comportamental ou temporal) em que a Arqueologia tem um papel importante nos processos de interpretação, buscando nos traços materiais dessas inter-relações entre ambiente, humanos e outros entes uma compreensão de como moradas se constituíram e o entendimento do mundo que é e foi vivido.

Como o próprio título nos indica, ao caracterizar Serra Negra, nosso interesse está centrado nas relações que povos tinham e têm mantido com essa fisiografia e as marcas que são possíveis observar por meio da materialidade, ou seja, dos vestígios arqueológicos. Nessas inter-relações, reciprocidades, experiências diversas e trajetórias históricas, que temos buscado o entendimento de como a paisagem foi sendo constituída, mas, principalmente, entender como é possível o estabelecimento de sua leitura em longa duração.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO: PAISAGEM EM CAMADAS E UMA GEOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

O conceito de paisagem tem sido apropriado a partir de diferentes abordagens. Em função dessa pluralidade de entendimentos, é possível estabelecer a realização de várias conjecturas sobre sua aplicação. Portanto, sua discussão perpassa por um emaranhado de definições e compreensões de como pode ser pensado e tratado em pesquisas arqueológicas.

Nesse texto, partimos do entendimento da compreensão da Geografia Culturalista (COSGROVE, 1984, 1985, 1993). A partir dessa perspectiva, temos refletido sobre as possibilidades de uma leitura dessa paisagem e como construções e reconstruções (de materialidades, imaterialidades e lugaridades) ocorrem e refletem nos vestígios arqueológicos. Em poucas palavras, em termos metodológicos, o questionamento é: do que se trata e como é feita essa leitura de camadas no espaço-tempo?

Entendemos que a paisagem contemporânea é fruto de escolhas realizadas por uma sociedade, em compartimentos e camadas que, em associações e inter-relações, permitem a realização de uma "leitura" do mundo ativo, que foi e é vivido, percebido e sentido (COSGROVE, 1984, 1993, 2012; FAGUNDES e ARCURI, 2023).

De forma sintética, definimos paisagem como as trajetórias históricas em composição de inter-relações (de mutualidade, reciprocidade, conflitos, etc. de várias ordens) entre humanos/ entes, coisas e ambiente. Estabelecem-se camadas (ao longo do tempo) e compartimentos, permitindo uma leitura por meio dos traços materiais observáveis, estabelecendo interpretações e inferências acerca das múltiplas existências, experiências e vivências no mundo.

Debruçados na complexidade do conceito, um importante ponto-chave de análise para a Arqueologia é o entendimento de como essas camadas se estabelecem em longa duração, tendo como fonte de informação os vestígios materiais (a materialidade) e, principalmente, como é possível a execução de uma interpretação para o entendimento do modo de vida e das próprias relações que humanos (e outros entes) tiveram como o ambiente no passado: (i) materialidades e lugaridades (PÁDUA, 2013). Portanto, temos buscado caracterizar do que se trata essa leitura em camadas ou, como apresentado na

literatura, o entendimento da “metáfora da paisagem como texto” (BERQUE, 1984; DUCAN, 1995; BELLENTANI, 2016).

Denis Cosgrove (1984) foi o responsável por apresentar essa metáfora da paisagem como texto que, portanto, pode ser lida e interpretada. Sob o nosso ponto de vista, há uma maior complexidade nesse processo de leitura, que não pode ser entendido como um processo linear, página a página. É certo que a paisagem traz consigo atributos que permitem o entendimento das camadas que se estabeleceram ao longo do tempo, porém a cada nova ocupação no espaço-tempo, os vestígios deixados e a própria fisiografia ganham novas interpretações e ressignificações dadas por ocupantes posteriores. Há continuidades, mas diferente da forma linear que pressupomos.

Esse acúmulo de traços materiais, lugaridades e (i)materialidades compõem as páginas que permitem essa leitura. Contudo, a partir de seu arranjo em uma complexa teia de inter-relações e temporalidades, não é feita como em um livro, visto que:

Dada à pluralidade de sujeitos e tempos, a leitura das camadas superpostas da paisagem não ocorre como aquela folheada de um livro, em que o enredo está posto (começo, meio e fim – de sua formalidade gramatical) em que aos leitores lhe cabem à possibilidade de interpretar. Porém, há limites para essa interpretação, que estariam associados a um *script* coletivo: culturais, ideológicos, de relações políticas e de poder, da sacralidade, enfim, por infinitas i-materialidades e lugaridades (..) Entendo, na verdade, como uma interpretação sem margens ou encadernações, uma vez que não há forma (estética): há páginas em branco, outras são apagadas e reescritas, em algumas faltam frases, outras tantas são ressignificadas e, por fim, ousa a dizer que há colagens nesse texto, histórias de outros que são pregadas às páginas desse livro amorfo que é a paisagem feita “massinha colorida de menino” (FAGUNDES, 2021, p. 37-38).

Ao tratar da leitura da paisagem com fins arqueológicos, como Fagundes et. al. (2019), temos defendido que essa aborda o entendimento das relações espaço-tempo (e cultura) possíveis de averiguação e interpretação por meio dos vestígios materiais que compõem o registro arqueológico e das relações que mantêm para a interpretação. Logo, essa leitura permite a compreensão de como essas vivências se estabelecem em um constante ato de experienciar, em que nada permanece despercebido, tudo pode ser (re) apropriado, em ações de resiliência, conflitos ou interesses e, portanto, são vetores de referência, identidade a alteridade.

Todas essas reflexões nos levam a entender a paisagem como uma construção, ao estilo cosgroviano (COSGROVE, 1984, 1985), sendo síntese material e morfológica que, em escala diacrônica (em camadas), permite a leitura e interpretações de compartimentos e suas (i)materialidades, lugaridades e ancestralidades e, portanto, sobre o modo de vida, vivências e narrativas dos diferentes estabelecimentos que compõem um território. Acreditamos que ela traz consigo as marcas de trajetórias históricas, de continuidade e mudança (não lineares), das resiliências e das relações humanas e de outros entes em seus ambientes.

Logo, a Arqueologia está apta ao estudo dessa paisagem dinâmica (sempre *in motion*), em constantes trajetos de ressignificação – uma composição histórica. Por meio da materialidade (que está disposta na contemporaneidade), é que se interpreta comportamentos pretéritos, sendo capazes de identificar, mesmo que pequenos traços, as sutilezas dessas moradas e, mais que isso, ir além, refletindo e interpretando acerca das temporalidades, vivências entre elas, existências em suas pluralidades e as experiências dessas inter-relações. A paisagem não é um cenário, muito menos uma caracterização geoambiental. Também não é um ente estático nas relações e comportamentos dos humanos, mas uma composição de produções simbólicas. Ela é formadora de povos e um ente ativo nas inter-relações já mencionadas nesse artigo. Paisagens constituem pessoas/ entes e esses estabelecem a paisagem em trajetórias de mutualismo, reciprocidade, alteridade e resiliência. Paisagem, humanos e outros entes se afetam (COSGROVE, 1984,1985; FAGUNDES et al., 2021; FAGUNDES e ARCURI, 2023).

Fagundes (2021) referindo-se à paisagem, usa como exemplo as massas de modelagem ou, como o autor chama: “massinha colorida de menino”. Crianças dão forma a essas massinhas, as misturam, as

transformam e nessa manipulação se estabelecem novas tonalidades que se destacam ou se uniformizam, mas voltam a receber novas cores e formas em um ciclo que é constante, que é construção, estética, percepção e materialização de ideias. A paisagem é essa constante produção de sentidos que se materializam de forma planejada ou não.

Não há um enredo pré-estabelecido e a sua interpretação também se associa às diferenciadas experiências e imaginações, uma vez que: A leitura que proponho não há um enredo. Ela é fragmentada e aleatória, que requer uma nova escrita e colagens entre lacunas. Com isso defendo que se trata de uma construção simbólica, uma presentificação do passado, que constitui e permanece entre escolhas e reciprocidades, e assim, se somam aos fragmentos residuais ou emergentes (FAGUNDES, 2021, p.50).

O passado sempre é uma presentificação (uma contemporaneidade), nunca será uma única verdade absoluta. Há verdades e interpretações sobre o que se trata de uma verdade. Da mesma forma, não pode existir pessoas e/ou entes sem a paisagem e não há paisagem sem as inter-relações com estes agentes (pessoas e/ou entes não humanos). Não é apenas de uma abordagem dialética (entre cultura e natureza) ou de um idealismo (da subjetividade). É a percepção de um mundo para além das amarras da burguesia ocidental e que tem em sua existência o parâmetro de análise de vivências que não são suas.

Existências interpretam e dão sentido às suas vidas em trajetórias de inter-relações e diferentes afetos e, sendo a paisagem parte dessa imbricada composição, sua interpretação é uma essência possível à Arqueologia.

Portanto, ao pensarmos em uma Geografia Arqueológica, pode-se perceber que o conceito de paisagem assume papel prioritário nas análises. Entendida como uma construção, a paisagem também pode ser vista como uma síntese material e morfológica que, em escala diacrônica (em camadas), permite a leitura de marcos e, a partir deles, inferências acerca do modo de vida, de (i)materialidades e lugaridades. Portanto, é uma construção simbólica de um mundo que foi e que é vivido, sempre dinâmico. Feito todos esses parênteses conceituais, voltamos à imponente fisiografia de Serra Negra. Foi por meio dela que percebemos que as pessoas mantinham uma maior intimidade ao se referirem sobre o passado, a si mesmas e aos outros (GRECO et al., 2021):

- Nas serras que se estabelecem os enredos das histórias, não apenas como um cenário, mas a partir de uma referência geográfica, histórica e mental. Os caminhos por elas não são apenas materializados, são movimento e pontos de encontro entre o passado, muitas vezes de um passado aparentemente distante dessas pessoas, a exemplo das ocupações indígenas, para quais sempre há uma narrativa; e entre as vivências. Trata-se de um “jogo” imbricado de (inter) relações entre passado-presente-pessoas-lugares-territórios, em que o tempo não é linear e onde em tudo há agência (Fig. 7)
- Nas matas que recebem nomes de pessoas (e agências), por ações e movimentos de agentes históricos, mas que, em dado momento, humanos, matas e ações se confundem em um único ente.
- Nas histórias das tropas, momento entendido como áureo de toda região; das pessoas escravizadas; da procura por sempre-vivas pelas serras – essas talvez sejam as narrativas mais alegres e carregadas de afeição; dos festejos presentes em muitas comunidades (MACEDO, 2017; BISPO Jr., 2020).

Assim, essas narrativas e vivências atuais se desenvolvem em meio a essa imbricada fisiografia e as intervenções humanas que sofreram ao longo dos anos:

- Os caminhos que permitem o movimento entre as serras, que conectam vidas e histórias;
- As lapas – abrigos sob rocha – e seus acessórios (os fogões de barro e pedra; jiraus; latas para lanternas; fragmentos de rochas e minerais que podem ser reaproveitados para produção de novas ferramentas e usos; a arte rupestre...);
- As fontes de água;
- Os lugares de coleta e de caça, etc.

Todos são lugares persistentes que permitem e permitiram o estabelecimento de moradas, experiências e resiliências ao longo do tempo. As características fisiográficas de um território (as serras, as matas, os cursos d'água), estão para além de cenários, porque associam as pessoas, coisas e entes, de forma a constituir uma composição de múltiplas temporalidades, (i)materialidades e lugaridades (SCHLANGER, 1992).

É no exercício de pensar essa teia imbricada de relações que nosso entendimento por paisagem se estabelece. Enquanto conceito, agrega essas inter-relações de lugares que constituem as moradas de muitos, de uma Geografia Arqueológica. Essa compreensão nasce a partir do olhar para fisiografia enquanto integrante ao cotidiano das pessoas, como referência à vida (ao presente), ao passado (e porque não ancestralidade) e preocupação sobre o futuro, uma vez que toda essa região está cada dia mais ameaçada por empreendimentos que buscam explorar, sem qualquer benefício futuro para essas comunidades, nem mesmo econômico.

Figura 7 - (A) Serra do Matão; (B) Sítio arqueológico do Jambreiro; (C) Pintura rupestre do sítio do Jambreiro; (D) Serra do Matão e Chapado do Couto. 2019.



Fonte - Autores, 2019.

Todo esse movimento é capaz de interconectar, mesmo que inconscientemente, relações no tempo-espaço, que são atributos importantes de orientação e identidade. Por isso, temos definido como a somatória entre as características fisiográficas e as relações socioidentitárias que pessoas mantêm com seu ambiente, uma vez que os atributos que se estabelecem na paisagem necessitam de renovações e reproduções sociais, pois só assim são reconhecidos como parte dessas trajetórias.

A paisagem é, portanto, um meio para relacionar as pesquisas desenvolvidas em Serra Negra, fundamental para a compreensão das dinâmicas, organização espaço-tempo e tecnológica, e trajetórias históricas de grupos que ocuparam a região por milênios.

Foi por meio da prática de observação e experiências compartilhadas, que se obteve o material transformador e que permitiu entender com maior complexidade o comportamento das pessoas em diferentes temporalidades. Frases, reflexões, críticas, ideias abandonadas, comentários soltos e outros

tantos acontecimentos e encantamentos foram responsáveis por modificar a nossa visão sobre as materialidades e, portanto, o fazer arqueológico (MACEDO, 2017).

Tal fato se deu, sobretudo, devido a nossa dificuldade anterior de observar no registro arqueológico certos afetos que habitam a lugaridade (PADUA, 2013). Os lugares se esvanecem à medida que pessoas se vão e carregam consigo essa lugaridade, permitindo que a paisagem se estabeleça e permaneça como contexto arqueológico – pelo menos para arqueólogos (GRECO et al., 2021).

Do lugar nos resta o negativo ou, se preferirem, a (i)materialidade. Acreditamos, desse modo, que a paisagem é capaz de sintetizar e possibilitar inferências acerca dos dados obtidos nas pesquisas, uma vez que partimos da conjectura que em Serra Negra é uma construção simbólica de um mundo que é vivo e dinâmico, em suas múltiplas temporalidades (COSGROVE, 1984, 1985, 1993; 2012; INGOLD, 1993).

A paisagem é parte da vida humana, em que ela só existe a partir de nosso julgamento, apreciação, compreensão, etc., ou seja, é uma construção humana. Está além de suas formas e cores, ela não existe apenas na materialidade e se constitui em camadas de práticas socioculturais, narrativas, vivências e trajetórias históricas – escolhas. As ocupações se estabelecem, se apropriam e reinterpretam as anteriores e, portanto, são sempre presentes. A questão do abandono pode ser entendida a partir dessa perspectiva, uma vez que a ausência de registro arqueológico em camadas estratigráficas não é capaz de determinar se uma paisagem (e o longo processo de sua constituição-composição) foi realmente abandonada (FAGUNDES e ARCURI; 2023).

Paisagem e humanos, ambos, são vetores de inter-relações, negociações e reciprocidades. Não existe paisagem sem humanos, não existe humanidade sem paisagem.

De acordo com a visão *cosgrovia* há paisagens residuais e emergentes (COSGROVE, 1984, p.09) que, por se estabelecerem em camadas no tempo-espaco, podem ser lidas e interpretadas. De certo, Cosgrove nunca pensou do ponto de vista arqueológico – de entender materialidades, (i)materialidades e lugaridades a partir de uma interpretação de longa duração do registro arqueológico e suas associações –, é uma temporalidade diferente. Apesar de superpostas, conjecturamos que as camadas da paisagem se dobram sobre as outras como aquelas geológicas dos abrigos em Serra Negra, porém numa ação decorrente por outro tipo de força: a Humana.

Vemos a paisagem como plástica e, portanto, manipulável por essa força humana, ao mesmo tempo em que essa plasticidade interrompe influência ativa nas escolhas da humanidade (conexões e inter-relações). A leitura que propomos não há um enredo. Ela é fragmentada e aleatória, que requer uma nova escrita e colagens entre lacunas. É sempre uma construção simbólica, uma presentificação do passado, que constitui e permanece entre escolhas e reciprocidades e, assim, se somam aos fragmentos residuais ou emergentes.

Afinal, como bem salientado pelo mesmo Cosgrove (2012), o passado e o futuro são pensados a partir do presente “(...) A linearidade do tempo humano implica que o passado e o futuro são as coordenadas necessárias do presente” (COSGROVE, 2012, p. 112). Dessa forma, passado e futuro são entendidos pelo geógrafo cultural como “espaços de imaginação”, visto que: “Ao atribuir significado ao mundo do presente, a imaginação constrói narrativas que juntam o passado e o futuro numa forma de síntese” (COSGROVE, 2012, p.112).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo grupo humano tem percepções e interpretações sobre o território que ocupa para além da materialidade (*lugaridades* e imaterialidades) e, portanto, esses compartimentos são carregados de significações, limites/ fronteiras, oportunidades/ restrições, permissões/ proibições e orientações, etc., estabelecendo referências que demarcam suas relações sócio-políticas, ideológicas, econômicas e cosmológicas em inter-relação com a paisagem.

Essas várias camadas e compartimentos permitem olhar para elas e interpretá-las (em reciprocidades), conforme novas necessidades e ideias, estabelecendo camadas e reescrevendo trajetórias contemporâneas, uma vez que se concebe, assim, a paisagem como recriação dinâmica, sempre *in*

*motion*, organizacional e referencial, em processos de presentificação do passado, que é trazido e modelado ao presente por afetos contemporâneos.

As temporalidades dispostas nessas camadas (arqueológicas) se constituem a partir de várias leituras de compartimentos de uma dada paisagem, enquanto criação, organização e tempos. Assim que se estabelecem lugares sagrados e da vida comunal, permitidos ou restritos, das vivências cotidianas e do extraordinário, povoados e/ou desabitados por diferentes entes, etc. Ressignificados a partir de novas formas e cores (INGOLD, 1993; ACUTO, 2013; FAGUNDES e ARCURI, 2023).

Por assim dizer, a paisagem não é caracterização geoambiental e, muito menos, não pode ser pensada de maneira determinista, como um ambiente exclusivo de oportunidades (ou restrições). As apropriações se dão de várias maneiras, em um processo dinâmico, mútuo e interrelacional em que humanos e outros entes estabelecem paisagens e estas os constituem, em interações que estruturam e são estruturantes (GRECO, 2017, 2019), culturalmente manejadas e historicamente estabelecidas nas inter-relações entre o ordinário e o extraordinário, do fisiográfico e mitológico, do que é vivível e invisível e da relação espaço-tempo. O movimento é estimulado (e limitado) por uma infinidade de concepções para além da sobrevivência física (MAUSS, 2003; ZEDEÑO, 1997; POLITIS, 1996; ACUTO, 2013; GRECO, 2019).

Ela é ao mesmo tempo a trajetória e a síntese de como humanos entendem, habitam, se movimentam, se comunicam e estabelecem as narrativas do que veem e do que é sentido. Pessoas se apropriam e ressignificam a paisagem – individual e coletivamente –, em busca, muitas vezes, de alteridades e domínios sobre como essas narrativas são/ serão arquitetadas, designadas e entendidas pelos seus comuns e pelos outros. Por isso, dada à essa dimensão espacial e de temporalidades, que ousamos em dizer que se trata de uma geografia arqueológica.

Soma-se a isso o fato de que as paisagens são percepções e marcadores fundamentais de como deve ser a vida (dessa importância de marcar a alteridade e ter domínio sobre a narrativa), característica que alerta da dinâmica (e movimento) nos processos e escolhas de continuidade e mudança, e que implicam em consequências nas estruturas sociais, uma vez que podem estabelecer tensões, desequilíbrios, conflitos, alianças, etc., internos ou externos. Paisagem e humanos se afetam. Em tudo há escolhas; a captação de recursos está associada às escolhas: do que comer, do que lascar, de onde e como ir buscar as coisas, de onde viver.

Essas eleições são concepções culturalmente instituídas e, portanto, abundância ou escassez, disponibilidade ou ausência, do que comer ou não, por exemplo, são ações e decisões constituídas nas práticas sociais e, muitas vezes, não estão materializadas ou não permanecem no registro arqueológico.

Humanos vivem e se movimentam por paisagens, um ritmo da e para vida. Nesse viver e andar, marcas são deixadas, muitas materializadas, e ressignificadas a cada nova ocupação (SCHLANGER, 1992), instituindo novas camadas por meio de usos diferenciados de compartimentos (ou lugares), ordenamentos ou mesmo reverências à ancestralidade e ao passado. Nessa perspectiva, a paisagem também é um vetor de reciprocidade, inclusive como herança que fortalece vínculos no presente sobre o passado e para o futuro.

Em Serra Negra, podemos observar estes atributos. Este território foi ocupado por sete milênios, anteriormente por indígenas, que construíram seus modos de vida, existências e ontologias, deixando materialidades que se encontram presentes hoje e que são incorporadas às narrativas das comunidades atuais (MACEDO, 2017; GRECO et al., 2021). As dezenas de sítios arqueológicos (71 no total) estão dispostos neste território, sobretudo em abrigos, demonstrando amplo conhecimento e construção desta paisagem. Estas ocupações indígenas, como dito, podem ser correlacionadas ao modo de vida de caçadores-coletores (sítios com datações do Holoceno Médio: Cabeças 4, Matão 01, Três Fronteiras 7 e Sampaio); e de humanos que já dominavam técnicas de uma agricultura familiar (Cabeças 2, Cabeças 3, Itanguá 2 e Matão 01). Há outros abrigos, sem sedimentação para escavação ou que as questões logísticas ainda não permitiram. O que se sabe é que há muito por dizer sobre este território.

O que sabemos é que, como dito por Fagundes (2021, p. 36):

O controle dessas narrativas e sínteses é muito importante para qualquer comunidade, sobretudo no que diz respeito às alteridades e identidades. Trata-se do estabelecimento de soberanias e forças que, em conjunção, produzem conhecimentos acerca da fisiografia, das coisas, das múltiplas temporalidades (e das diversificadas maneiras de lidar com elas), das inter-relações que essas “categorias” mantêm entre si e as diferentes formas de existir (...) Somaria a essa austeridade ao desenho da paisagem e o modo de se relacionar com ela: da escolha das trilhas nas prospecções e da forma correta de andar nelas; do cuidado com diferentes plantas (urtiga ou espinhos) ou a sabedoria ancestral de identifica-las e indicar seus usos (medicinal, alimentício ou alguma curiosidade); do conhecimento das pegadas dos animais que habitam campos e matas; da observância das maneiras mais tranquilas de acessar pontos específicos no ambiente etc. Nosso conhecimento do mundo é bem-vindo, mas o deles é existência.

A partir dessas vivências, presentificações, personificações, identificações, reciprocidades, ancestralidades, heranças e explicações do que é a vida, que a paisagem de Serra Negra vem sendo estabelecida, como uma composição em muitas mãos, não como um texto de conhecimento pronto, de uma história terminada ou de um roteiro a ser cumprido.

## AGRADECIMENTOS

Ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/CEGEO/ICT). Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (PPGCH/UFVJM). A comunidades regionais que têm recebido nossas pesquisas com todo carinho e respeito.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, A.; FIORE, D.; FERRARI, A. A. Rock Art Landscapes. A systematic study of images, topographies and visibility in south-central Patagonia (Argentina). **Journal of Anthropological Archaeology**, v.56, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2019.101101>
- ACHA, Milena. Arqueologia da Paisagem: considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento. **Cadernos do LEPAARQ**, v.18, n.35, p.217-235, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/Leparq/issue/view/43>
- ACUTO, F. A. Demasiado Paisaje? Múltiples Teorías o Múltiples Subjetividades en la Arqueología del Paisaje. **Anuário de Arqueología**, v. 5, p. 31-50, 2013. Disponível em: <https://rephip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/5054/Acuto.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em: 26 de março de 2023.
- ALKMIM, F. F., KUCHENBECKER, M., REIS, H.L.S., PEDROSA-SOARES, A.C. The Araçuaí Belt. In: HEILBRON, M., CORDANI, U.G., ALKMIM (org.). São Francisco craton: Tectonic Genealogy of a Miniature Continent. **Regional Geology Reviews**, Springer, p. 255-276, 2017. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-01715-0\\_14](https://doi.org/10.1007/978-3-319-01715-0_14)
- ANCHUETZ, K. F; WILSHUSEN, R. H.; SCHEICK, C. An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. **Journal of Archaeological Research**, v.09, n.02, p.157-211, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41053175>
- ASHMORE, W; KNAPP, B. **Archaeologies of landscape: Contemporary Perspectives**. Oxford, England: Black Well Publishers, 1999. Disponível em: <https://leiaufsc.files.wordpress.com/2015/03/knapp-ashmore.pdf> Acesso: 30 de março de 2023.
- BAILÃO, André S. Paisagem - Tim Ingold. **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>. Acesso: 10 de outubro de 2023.
- BELLENTANI, F. Landscape as text. In: HIGHERA, Claudio Rodríguez; BENNET, Tyler James (org.). **Concepts for semiotics**. Tartu: Tartu Press, p.76-87, 2016. ISBN: 978-9949-77-258-2

- BERQUE, A. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. **Espace géographique**, v. 13, n°1, p. 33-34, 1984. DOI: <https://doi.org/10.3406/spgeo.1984.3890>
- BISPO JÚNIOR, H. A. Lugares e Gentes: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais – (2010-2019). **Tese** (Mestrado em Ciências Humanas) - Diamantina: UFVJM. 2020. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/2510>. Acesso em: 30 de março de 2023.
- BISPO, D.; SILVA, A. C.; CHRISTÓFARO, C.; SILVA, M. L. N.; BARBOSA, M. S.; SILVA, B. P. C.; BARRAL, U. M. Characterization of Headwaters Peats of the Rio Araçuaí, Minas Gerais State, Brazil. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v.39, n.2, p.475-489, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/01000683rbc20140337>
- BUENO, L.; ISNARDIS, A. Peopling Central Brazilian Plateau at the onset of the Holocene: Building territorial histories. **Quaternary Internacional**, p.1-17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2018.01.006>
- CHUENG, K.; COE, H.; ROSA, C.; FAGUNDES, M.; VASCONCELOS, A.; RICARDO, S.; BANDEIRA, D.; DIAS, R.; MACHADO, D. Reconstituição paleoambiental em sítios arqueológicos através da análise de fitólitos: estudos de caso no Brasil. In: **Geografia Física: Estudos Teóricos e Aplicados**, p.84-97, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.7322013078>
- CHUENG, K.; COE, H. H. G.; FAGUNDES, M.; VASCONCELOS, A. M. C.; RICARDO, S. D. F. . Reconstituição Paleoambiental da Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste do Espinhaço Meridional (Minas Gerais), através da Análise de Fitólitos. **Revista brasileira de Geografia Física**, v. 1, p.2260-2275, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26848/rbqf.v11.07.p2260-2275>
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 219-238, 2012. ISBN: **978-85-7511-252-6**
- COSGROVE, D. **The Palladian Landscape**. Geographical change and its cultural representations in Sixteenth Century Italy. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993. ISBN: **978-0271009421**
- COSGROVE, D. Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.10, n.1, p.45-62, 1985. DOI: <https://doi.org/10.2307/622249>
- COSGROVE, D. **Social Formation and Symbolic Landscape**. London: Croom Helm, 1984. ISBN: **978-0299155148**
- CRIADO BOADO, F. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. **Boletín de Antropología Americana**, 24, p.5-30, 1991.
- CRIADO BOADO, F. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje. Santiago de Compostela: Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje, Universidade de Santiago de Compostela. **Cadernos de Arqueología e Património (CAPA)** 6, 1999
- DUNCAN, J. Landscape Geography, 1993-1994. **Progress in Human Geography**, v.19, n.3, p.414-422, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913259501900308>
- FAGUNDES, M.; ARCURI, M. Paisagem cíclica, lugares de retorno: um estudo de resiliência cultural em Cerro Ventarrón, Lambayeque, Peru. **Revista de Arqueologia**, v.36, n.01, p.225–244, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v36i1.1014>
- FAGUNDES, M.; GRECO, W.; ARCURI, M.; BANDEIRA, A. Paisagem e suas interfaces em pesquisas sobre arte rupestre – um estudo de caso em Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil. **Revista de Arqueologia**, v.34, n.02, p.74-103, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v34i2.904>
- FAGUNDES, M.; GONTIJO, B.; ARCURI, M.; ALVA MENESES, I.; VASCONCELOS, A.; BUENO, F. Marcos Sociogeográficos e Arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na costa norte peruana. **Revista GeoUECE**,

v.9, n.17, p. 24-48, 2020a. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/2224> Acesso em: 11 abr. 2023.

FAGUNDES, M.; KUCHENBECHER, M., VASCONCELOS, A. M. C., GONZAGA, A. P. D. Paisagens e Lugares – Caracterização Geoambiental e Cultural dos Sítios Arqueológicos do Complexo Três Fronteiras, Alto Vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais. **RA'EGA – O espaço geográfico**, v.47, n.01, p. 67-84, 2020b. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega>

FAGUNDES, M.; SUÑER, M. A.; GONTIJO, B. M.; VASCONCELOS, A. M. C.; BUENO, F. B. B.; MAG-FRA, L. F. As estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón – marcos sociogeográficos, lugares e paisagem durante o Formativo Inicial, Lambayeque, Peru. **Revista Espinhaço**, n.08, v. 02, p. 13-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3583290>

FAGUNDES, M. Uma geografia arqueológica em Serra Negra: construções, conexões, histórias e causos Laepianos. In: FAGUNDES, M. (org). **Paisagem e Arqueologias em Serra Negra, Espinhaço Meridional, Minas Gerais**. Curitiba, PR: Editora CRV, Curitiba, capítulo 01, p.31-72, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24824/978652511357.9>

FAGUNDES, M. Arqueologia em Serra Negra: uma síntese interdisciplinar das ocupações humanas antes da conquista nas paisagens do Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. In: Bonadiman, Heron *et al.* (Eds.). **Diálogos Interdisciplinares no Vale do Jequitinhonha**. Curitiba, Editora CRV, p.221-247, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.24824/978854443280.8>

FAGUNDES, M. Natureza e Cultura: estudo teórico sobre o uso do conceito de Paisagem nas Ciências Humanas. **Revista Tarairiú**, v.01, p. 32-54, 2014. Disponível em: <http://revistatarairiu.blogspot.com/2014/03/natureza-e-cultura-estudo-teorico-sobre.html> Acesso: 30 de março de 2023.

GILARDENGI, Ezequiel. “Una Era Nos Separa”: Aportes y Reflexiones para un Antropoceno Arqueologizado. **Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana**, 15(1), p.32-58, 2021. Acesso: 11 de outubro de 2023. GODOY, P. R. T. **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. <http://chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcqlclefindmkaj/https://static.scielo.org/scielobooks/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf> Acesso: 30 de março de 2023. <https://doi.org/10.55695/rdahay15.01.02>

GONTIGO, Bernardo. **Paisagem e Arqueologias em Serra Negra, Espinhaço Meridional, Minas Gerais**. Curitiba, PR: Editora CRV, Curitiba, capítulo 03, p.89-100, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24824/978652511357.9>

GRAEBER, David. Alteridade radical é só outra forma de dizer “realidade”. Resposta de David Graeber a Viveiros de Castro. **Práxis Comunal**, v.2, n.1, p.278-323, 2019. GRECO, W., FAGUNDES, M., MACEDO, T., BISPO JÚNIOR, H. Arqueologia, comunidades e histórias da paisagem de Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, v.10, n.1, p.82-102, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5127532>

GRECO, Wellington S. Espelho de pedra: a estrutura emergente da arte rupestre nas matas do alto Araçuaí (Felício dos Santos, MG). **Tese** (Mestrado em Ciências Humanas) – Diamantina: UFVJM, 2019. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/2283> Acesso em 27 de março de 2023.

GRECO, Wellington S. Estilo e Paisagem: os conjuntos rupestres do sítio Sampaio, Felício dos Santos, Vale do Rio Araçuaí, Alto Jequitinhonha. **Monografia** (Bacharelado em Ciências Humanas), Diamantina – UFVJM, 2017. Disponível em: <http://www.laep.ict.ufvjm.edu.br/> Acesso: 20 de março de 2023.

HAMILAKIS, I. Archaeological Ethnography: a multitemporal meeting ground for Archaeology and Anthropology. **Annual Review of Anthropology**, v. 40, n.1, p. 399-414, 2011. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-081309-145732> IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em: <https://mapasinterativos.ibge.gov.br/grade/default.html>

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre o Movimento, Conhecimento e Descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015. ISBN: 978-8532650528

INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, v.02, p.152-174, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>

KAERCHER, A. N. A Geografia é Nosso dia-a-dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v.1, n.1, p.109-116, 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38639/26361> Acesso: 10 de abril de 2023.

KNAPP, A. B. Ideational and industrial landscape on prehistoric Cyprus. IN: ASHMORE, W.; KNAPP, A. B. **Archaeological of Landscape – Contemporary Perspectives**. Oxford: Blackwell Publishers, p. 229-252, 1999. Disponível em: [https://www.academia.edu/5271922/Archaeological\\_Landscapes\\_Constructed\\_Conceptualized\\_Ideational\\_A\\_Bernard\\_Knapp\\_and\\_Wendy\\_Ashmore\\_1999](https://www.academia.edu/5271922/Archaeological_Landscapes_Constructed_Conceptualized_Ideational_A_Bernard_Knapp_and_Wendy_Ashmore_1999) Acesso: 20 de março de 2023.

KNEGT, L. M. P. Indicadores da paisagem para a ocorrência de sítios arqueológicos na Área Arqueológica de Serra Negra, face leste do Espinhaço. **Tese** (Mestrado em Geografia) – Belo Horizonte: UFMG. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/EQVA-BBWT2K>. Acesso em 25 de mar. 2023.

LEIS, Ricardo L. Sobre o Conceito de Interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas**, Florianópolis, v; 73, p.1-23, 2005. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa> Acesso: 10 de abril de 2023.

MACEDO, Thaisa. D. A. “Vou Te Proteger”: a Educação Patrimonial como estratégia para proteção e valorização do patrimônio arqueológico do município de Felício dos Santos, MG. **Tese** (Mestrado em Humanidades) - Diamantina: UFVJM. 2017. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/1628> Acesso em 30 de março de 2023.

SILVA, A. C.; HORÁK-TERRA, I.; BARRAL, U. M.; COSTA, C. R.; GONÇALVES, S. T.; PINTO, T.; SILVA, B. P. C.; FERNANDES, Jose Sebastiao Cunha; MENDONÇA FILHO, Carlos Victor ;Vidal-Torrado, P. Altitude, Vegetation, Paleoclimate, and Radiocarbon Age of the Basal Layer of Peatlands of The Serra do Espinhaço Meridional, Brazil. **Journal of South American Earth Sciences**, v. 103, p. 102728, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jsames.2020.102728>

MACHADO, D. O. B. F., CHUENG, K. F., COE, H. H. G., SILVA, A. C., COSTA, C. R. Paleoenvironmental reconstruction of the headwaters of the Preto River, Minas Gerais state, Brazil, through siliceous bioindicators. **Journal of South America Earth Sciences**, 108, p.1-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jsames.2021.103349>

MARTINS, R. E. O Pensamento Geográfico é Geografia em Pensamento? **GEOgraphia**, v.18, n.37, p.61-79, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2016.v18i37.a13758>

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Brasil: Cosac & Naify, 2003.

NETO, R. M. Antropoceno, Quo Vadis? **Revista de Geografia**, Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJF, v. 11, n. 01, p.153-163, 2021.

NOCE, C. M., PEDROSA-SOARES, A.C., SILVA, L. C., ARMSTRONG, R.; PIUZANA, D. Evolution of polycyclic basement complexes in the Araçuaí orogen, based on U–Pb SHRIMP data: Implications for Brazil–Africa links in Paleoproterozoic time. **Precambrian Research**, v.159, p. 60-78, 2007. Disponível em: <https://rigeo.cprm.gov.br/handle/doc/544> Acesso em 30 de março de 2023.

PÁDUA, Letícia. C. T. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. **Tese** (doutorado) - São Paulo: USP 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09122013-114313/pt-br.php> Acesso em 30 de março de 2023  
POLITIS, Gustavo G. Moving to produce: Nukak mobility and settlement patterns in Amazonia. **World Archaeology**, n.27, v.03, p.492-511, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1080/00438243.1996.9980322>

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores**. Cuiabá: Carline & Carliato/ Arqueo, 2019.

ROCHA, J. C. Diálogo entre as categorias da Geografia: Espaço, Território e Paisagem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.9, n.27, p.128-142, 2008. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15724> Acesso em: 01 de abril de 2023.

SAADI, A. A Geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens. **Geonomos – Revista de Geociências**: Belo Horizonte, v.3, n.1, p.41-63, 1995. DOI: <https://doi.org/10.18285/geonomos.v3i1.215>

SALGUEIRO, B.S. T. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, v.36, n.72, p.37-53, 2001. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis1620>.

SCHLANGER, Sarah. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. IN: ROSSIGNOL; WANDSNIDER. **Space, Times, and Archaeological Landscapes**. New York/ London, Plenum Press, p.91-112, 1992. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/978-1-4899-2450-6.pdf>

SILVA, A. C.; HORÁK-TERRA, I. ; BARRAL, U. M. ; COSTA, C. R. ; GONÇALVES, S. T. ; PINTO, T.; SILVA, B. P. C. ; FERNANDES, Jose Sebastiao Cunha; MENDONCA FILHO, Carlos Victor ;Vidal-Torrado, P. Altitude, vegetation, paleoclimate, and radiocarbon age of the basal layer of peatlands of the Serra do Espinhaço Meridional, Brazil. **Journal of South American Earth Sciences**, v. 103, p. 102728, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jsames.2020.102728>

VASCONCELOS, Alessandra M. C. O criptocarste como interface entre o solo e o substrato rochoso: comparação entre os ambientes siliciclástico e o carbonático na região entre Rodeador e Diamantina – MG. **Tese** (doutorado) – Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/IGCC-9NZTU5>

ZEDEÑO, Maria N. Landscape, land use, and the history of territory formation: an example of the Puebloan Southwest. **Journal Archaeological Method and Theory**, v.04, p.67-103, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02428059>

ZVELEBIL, Marek. Hunter-gatherer ritual landscapes: spatial organization, social structure, and ideology among hunter gatherers of northern Europe and Western Siberia. **Analecta Praehistorica Leidensia**, v. 29, p.33-50, 1997. Disponível em: <https://scholarlypublications.universiteitleiden.nl/handle/1887/33830> Acesso em 27 de março de 2023.

---

Recebido em: 22/04/2023

Aceito para publicação em: 14/11/2023